

Corda esticada

A ECONOMIA brasileira está longe de ter superado suas dificuldades. A recessão continua a provocar angústias e apreensões em muitos segmentos, especialmente naqueles em que predominam as pequenas e médias empresas. Os assalariados se ressentem da perda de poder aquisitivo, e convivem com o fantasma do desemprego.

AO lado disso, alguns sinais começam a aparecer sugerindo que o pior pode ter sido ultrapassado. Os índices de inflação registram números declinantes (mesmo se isto não constitui, ainda, tendência consolidada). Segmentos como o das montadoras de automóveis, que pareciam ignorar o mercado, começam a fazer diversas espécies de promoção (descontos no pagamento à vista, parcelamento sem correção monetária e juros, prêmios para os compradores de autopeças etc.).

OS revendedores de combustíveis seguem oferecendo abatimento para os clientes. Os supermercados também têm recebido de seus fornecedores tabelas com reajustes inferiores à média da inflação (o inverso do início do ano, quando quase todos os setores industriais tentaram repassar para os varejistas aumen-

tos bem superiores aos que os índices de preços sancionavam).

NINGUÉM duvida que a inflação brasileira tem um componente inercial — realimentador da alta de preços — que não deixa os índices caírem no ritmo que todos desejariam. Mas a experiência do passado já mostrou que os chamados tratamentos de choque, ao atacarem apenas o aspecto da inércia, acabam detonando outros tipos de pressões inflacionárias, até mais fortes, e põem a perder o esforço de recuperação.

ALÉM da inflação, aparecem indícios positivos também no comércio exterior e nas contas externas do país. O câmbio está devidamente ajustado — e a maior prova disso é que não há praticamente diferença entre as cotações do mercado comercial, do paralelo e do turismo; com isso, as exportações estão apresentando firme recuperação, e as importações se fazem em ritmo saudável.

DEPOIS de muitos anos, o fluxo de entrada de recursos externos voltou a ser positivo, reforçando as reservas cambiais. Nesse contexto, as autoridades têm negociado acordos satisfatórios com os

credores, que se coadunam com a capacidade de pagamento da Nação.

EM termos do ritmo de atividade econômica, é certo que as boas safras agrícolas oxigenarão o consumo e poderão estimular alguns novos investimentos ao longo dos próximos meses. No curto prazo, ajudarão a baratear os preços dos alimentos, o que é fundamental para a recuperação do poder aquisitivo da grande maioria da população (o item alimentação absorve, na média, cerca de 40% dos orçamentos das famílias).

NESSE quadro, o Governo poderia dar mais uma injeção de ânimo no meio empresarial acelerando o programa de privatização, por enquanto restrito à venda de algumas companhias estatais, devido a um sistema que impede, por exemplo, maior participação de investidores estrangeiros.

INFLAÇÃO alta e recessão combinadas resultam em um processo doloroso para o conjunto da sociedade. Resta esperar que os sinais positivos atualmente despontando se transformem numa realidade consistente. Para o homem comum, a corda continua esticada de maneira punitiva.